

A capital brasileira da beleza

Pólo de cosméticos tem 170 empresas e vai exportar US\$ 2,5 milhões; antes, insegurança afastava os investimentos

DESENVOLVIMENTO

Um dos menos afortunados municípios do ABC tomou um banho de loja e hoje fatura US\$ 2,5 milhões com a exportação de produtos de beleza. Diadema apostou na indústria de cosméticos e tudo indica que ganhou. A cidade comemorou em novembro o primeiro aniversário do Pólo Brasileiro de Cosméticos, com 170 empresas, responsável por 12% da produção nacional do setor. No País, o ramo deve encerrar o ano com um faturamento de R\$ 15 bilhões.

Apesar de ser apenas a terceira atividade econômica mais rentável para o município – atrás da metalurgia de autopeças e da cadeia do plástico –, a prefeitura optou, há quatro anos, por investir no segmento para mudar a imagem da cidade. “Tínhamos o estigma da violência”, diz o secretário de Desenvolvimento e vice-prefeito de Diadema, Joel Fonseca. “Com a indústria de cosméticos, associamos a cidade à beleza.”

Esse tipo de indústria já se organizava no município, mas sua cadeia produtiva ainda não estava engessada como a da metalurgia e do plástico. “Por ser mais permeável, o setor de cosméticos aceitaria melhor a intervenção de agentes públicos”, diz o coordenador-geral do pólo, Ricardo Fioravanti.

A parceria entre prefeitura, empresários e entidades de classe resultou nos primeiros passos para a criação do arranjo produtivo, com uma agenda comum visando a aumentar a competitividade tanto das pequenas quanto das grandes empresas.

Uma das principais ações conjuntas é a compra de matéria-prima a preços mais baixos. O pólo incentiva a divulgação de produtos e marcas locais em feiras internacionais, impulsionando o comércio exterior. Também investe na formação de mão-de-obra especializada.

A estratégia logo aumentou a capacidade de produção das indústrias já instaladas na região e atraiu dezenas de novos



PRODUÇÃO – Empresas investem na formação de mão-de-obra para atuar no pólo, que tem a maior concentração de indústrias do setor no País

negócios. O arranjo começou com 30 empresas – algumas conhecidas, como Davene, Coper/Karina e Valmari. Hoje, são 170, das quais 68 se dedicam diretamente à produção de cosméticos. As outras 102 são operadoras logísticas e empresas de embalagens e de manutenção atreladas à atividade principal.

CRESCIMENTO

Nos últimos três anos, o ramo de cosméticos é o que mais cresce na cidade. O pólo representa 10% das indústrias brasileiras do setor – a maior concentração do País – e emprega 9.800 pessoas. Sua participação na arrecadação municipal passou de 1,5%, em 2001, para 4,5% este ano. “As empresas se recusavam a contratar pessoas da região e os fornecedores evitavam nos visitar por causa da violência”, diz o diretor comercial

De dormitório a pólo industrial

REESTRUTURAÇÃO: O desenvolvimento econômico em Diadema é anterior a 1999, ano em que iniciativas contra a violência passaram a ser instaladas no município. Segundo a diretora técnica da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), Fátima Infante, a transformação começou a partir de 1990, quando as fábricas do Grande ABC descentralizaram a produção. “Esse processo possibilitou a criação de pequenos negócios em ou-

tras cidades que passaram a fazer parte das cadeias produtivas da região.”

Antes disso, Diadema não passava de uma cidade-dormitório para os trabalhadores das indústrias pesadas do entorno. “O município soube aproveitar a inserção regional e pegar um pouco da renda da região metropolitana de São Paulo, a maior do País”, diz Fátima. “Isso é fundamental para mudar a condição de vida de uma cidade.”

da Valmari, Silvestre Resende.

Em Diadema desde 1982, a Valmari é uma das pioneiras do ramo na cidade. Segundo Resende, a escolha do local da fábrica considerou a vantagem lo-

gística, já que o município é cortado pela Rodovia dos Imigrantes, acesso ao destino mais almejado pelas empresas: o Porto de Santos.

Exportar sempre foi objeti-

vo prioritário do pólo. Isoladas, as empresas de Diadema não se adequavam aos padrões internacionais de qualidade. Segundo Fioravanti, elas tinham, inclusive, dificuldades em obter certificação. Por conta disso, em 2001 o valor das exportações não ultrapassava US\$ 200 mil.

Com a supervisão do pólo, a previsão é fechar o ano com US\$ 2,5 milhões. Já o número de empresas exportadoras no mesmo intervalo saltou de 4 para 19. “A expectativa para 2006 é dobrar a produção e levar mais sete empresas para o grupo exportador”, diz Fioravanti.

O sucesso do pólo inspirou a criação de outros dois no município. O de autopeças já desenvolve uma agenda comum e o do plástico está em planejamento. ●

Preconceito de vizinhos começa a mudar

Diadema faz parte do Grande ABC, uma das regiões mais industrializadas do País, com 2,5 milhões de habitantes. Depois do caso da Favela Naval, no entanto, o município passou a ser visto com desconfiança pelas cidades vizinhas. O preconceito ainda existe, mas a imagem parece estar mudando.

Moradora de São Bernardo do Campo, a professora de inglês Carla Cruz não vê mais Diadema como sinônimo de violência e marginalidade. “Vou para São Paulo todas as semanas e passo por uma parte de Diadema. O que eu vejo do alto da Rodovia dos Imigrantes é uma cidade tão moderna e desenvolvida quanto a minha”, diz.

A terapeuta Edileine Santos, moradora de Santo André, tem visão semelhante. “Meus parentes que moram no município não querem sair de lá”, conta. “Em tão pouco tempo, Diadema cresceu e deixou muitas cidades para trás.” Para Edileine, o município tem algo a ensinar. “A Lei Seca poderia ser estendida a outras cidades do ABC. Em Santo André seria ótimo.”

No Consórcio Intermunicipal do Grande ABC – que reúne Diadema, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra –, porém, o assunto segurança não está em pauta. O foco é a economia.

O tema da violência é discutido em instâncias mais amplas, como o Fórum Metropolitano de Segurança. “Tentamos articular um plano regional, que entregamos à Secretaria do Estado de Segurança, há dois anos. Mas não tivemos resposta”, diz Regina Miki, titular da pasta da Defesa Social em Diadema. A secretaria estadual nega ter recebido a proposta. ●

Modelo Diadema é exemplo para o País

Plano de Segurança Pública adotado pelo município inspira medidas postas em prática em vários lugares do Brasil

INTERCÂMBIO

A partir da próxima semana, 50 guardas municipais vão reforçar a segurança de Maracanaú, no Ceará. O próximo passo, no início de 2006, deverá ser a Lei Seca, já em discussão. Terceiro maior município da região metropolitana de Fortaleza, Maracanaú é um dos lugares que se inspiram em Diadema para tentar reduzir a violência.

A prefeitura convidou Nilson Oliveira, coordenador do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, uma das entidades responsáveis pelo plano diademense, para apresentar o modelo. “Eles citam Diadema como exemplo de redução da criminalidade”, conta Oliveira, que esteve na cidade no mês passado. Logo após sua visita, foi instalado o Fórum Municipal de Segurança Pública, que terá reuniões mensais.

Oprefeito de Maracanaú, Roberto Pessoa (PL), também esteve em Diadema. Recebeu conselhos sobre como integrar município e polícia para combater a violência. No primeiro encontro do fórum realizado no Ceará, 12 possíveis soluções de segurança foram propostas, entre elas investir na recém-criada Guarda Municipal e fechar os bares às 23 horas.

Além do Ceará, outro Estado nordestino adota a proposta: no Maranhão todo, a Lei Seca está em vigor desde outubro. No bairro da Liberdade, em São Luís, os homicídios baixaram de 24, em 2004, para 5 este ano. Segundo o coronel Melo, comandante do Policiamento Metropolitano da Grande São



PARANÁ – Em Cascavel, a recém-criada Secretaria de Defesa treina a Guarda Civil e estuda fechar bares

Luís, o bairro completou três meses sem assassinatos em novembro: “É prova de que a medida está dando certo”, garante.

Já em Pernambuco, a região metropolitana do Recife aplicou há menos de um mês a Lei Seca em 34 bairros. A medida ainda está em teste. Segundo o secretário municipal de Defesa Social da capital, João Braga, o procedimento será observado até 2 de janeiro: “Se o diagnóstico for positivo, será estendida para a região metropolitana.”

EXPERIÊNCIAS

Dois municípios paranaenses também se baseiam no plano de Diadema. Em Cascavel, a Secretaria de Defesa foi instituída em

março e a Guarda Municipal está em formação. A qualificação dos agentes terá atenção especial, conta o coronel Ferreira de Lima, secretário municipal de Segurança. “O modelo que se

No Maranhão, a Lei Seca foi adotada pelo governo em todo o Estado

alinha ao desejo do prefeito é o de Diadema: uma guarda cidadã, próxima das pessoas.” A Lei Seca deve começar no ano que vem. Em Londrina, lei similar para o fechamento de bares tramita na Câmara.

No Estado de São Paulo, a cidade de Embu representa bem a semelhança com Diadema. Depois de figurar entre as cinco mais violentas da Grande São Paulo, em 2000, reduziu em 52,66% a taxa de homicídios, com políticas como a Lei Seca, em vigor desde 2003. Segundo o prefeito Geraldo da Cruz (PT), porém, não foi a medida isolada que reduziu a violência, mas a ação conjunta de município, polícia e sociedade.

O bairro Jardim Ângela, na periferia de São Paulo, assim como vários municípios de Minas, Rio e Espírito Santo, além do Distrito Federal, já adotaram também o modelo de Diadema. ●

Outras cidades têm bons resultados

Resultados positivos no combate à violência não são exclusividade de Diadema. Nos últimos seis anos, outros municípios paulistas também registraram queda nos índices de homicídio, seguindo uma tendência geral do Estado. Segundo a Secretaria de Segurança Pública, há localidades cujos resultados são ainda melhores do que os do município considerado modelo.

Ribeirão Preto, por exemplo, tinha 39,94 homicídios por 100 mil habitantes em 1999 e, em 2004, apresentou 10,45 – uma redução de 73,84%. No período, Diadema diminuiu esse índice em 66,29%. Mesmo sem uma secretaria específica para assuntos relacionados à violência e sem Lei Seca, Ribeirão mostrou eficácia em suas políticas de segurança pública.

A Guarda Municipal, no entanto, é ponto comum entre as cidades. O major Erick Junqueira, superintendente do órgão em Ribeirão, conta que reuniões entre os comandantes do policiamento são constantes.

Com uma redução de 69,18% no número de assassinatos por 100 mil habitantes – de 40,71 para 12,55 –, Guarujá, na Baixada Santista, também supera Diadema. Turística, a cidade não tem Lei Seca, mas conta com Guarda Municipal e Secretaria

de Defesa Social. Para o titular da pasta, Marco Antônio Perez, o aumento de policiais e o Estado do Desarmamento foram fundamentais para o resultado.

Taboão da Serra, na Grande São Paulo, é outro município que mostra eficácia na área de segurança. Lá existe um serviço de disque-denúncia próprio, policiamento planejado e integrado com as polícias civil e militar, focado em áreas de maior criminalidade. Há também uma forte fiscalização quanto ao funcionamento de bares, fator que tem colaborado na redução de estatísticas da violência.

De 1999 a 2004, Taboão registrou 64,99% de queda no número de assassinatos por 100 mil habitantes. O secretário municipal de Assuntos de Segurança e Defesa Social, coronel Carlos Alberto Constantino, destaca a importância da troca de experiências entre municípios: “Devemos ter humildade para observar o que já deu certo e usar em nossa cidade.”

Segundo especialistas, outras cidades também têm expressiva redução no índice de homicídios, mas com menos exposição na mídia do que no caso de Diadema. De 1999 a 2004, Mongaguá, por exemplo, reduziu 59,98%; Praia Grande, 68,75%; São Caetano do Sul, 51,8%; Itanhaém, 62,87%; Embu, 52,66%, e Santos, 60,68%. ●